

V&A - Você é a favor de construções em contêiner, tanto residencial quanto comercial?

Rosenbaum - É uma questão que está ligada à sustentabilidade e ao reaproveitamento. É muito bom e acho que tem uma questão mercadológica, de identidade, do marketing, do espaço lifestyle, é uma coisa jovem. O reaproveitamento é maravilhoso, entender isso enquanto sustentabilidade. É importante saber qual é essa logística, qual é a procedência desse material, mas de qualquer jeito, de forma estética ele já funciona. Mas para falar de sustentabilidade acho que é importante entender qual que é esse impacto.

V&A - Como é sua parceria com as marcas atualmente, especialmente com empresas aqui de Rio Preto?

Rosenbaum - Eu já tive uma relação muito maior com as marcas, hoje a gente desenvolve para algumas marcas produtos e são relações muito legais. Com a Marcato a gente trabalhou junto em Canuanã, em algumas moradas da Fundação Bradesco, dos jovens que moram na escola, que é o internato da Fundação Bradesco, uma instituição de ensino. Nesse projeto, a Marcato fez todos os armários dos quartos. Esse projeto ganhou o maior prêmio de arquitetura do mundo, que é o Riba, foi super importante. Nele foi usado a metodologia do Design Essencial, então

a gente co-criou com as crianças, fez um processo de entendimento, fez uma investigação dos saberes das tecnologias de construção, das comunidades.

Eu convidei o Leandro Marcato como pessoa física para fazer parte de um projeto que a gente tem lá na Amazônia, do Instituto A Gente Transforma em parceria com a FAS - Fundação Amazonas Sustentável - em Mimirauá, na reserva de desenvolvimento sustentável de Mimirauá, em Nova Colônia, comunidade onde a gente produziu brinquedos a partir da identidade local, para vender para uma política pública que é do programa da FAS de primeira infância. A gente produz o brinquedo na comunidade, esse programa compra o brinquedo e esse brinquedo volta para a comunidade, para as crianças brincarem, a partir do trabalho feito pelos pais e da identidade local. Então, esses brinquedos vêm carregados de muita energia e uma energia de cura, que atravessa essa memória escravocrata de que quem produz não pode usar. Então, o Leandro foi fazer a implementação de novas máquinas de uso de marcenaria para a produção desses brinquedos, para aproveitar melhor a madeira molongó, uma árvore nativa, que demora 30 anos para crescer e nós estamos cuidando do manejo em parceria com o Instituto Mimirauá também. Eu uso essa possibilidade da marca se engajar em projetos, de ser uma ferramenta de comunicação de ser uma ferramenta de troca, de engajamento. **V&A**

Loiro Cunha/Divulgação

